

Práticas em movimento: a pesquisa de campo no caso da capoeira fora do Brasil¹

Daniel Granada

Professor Doutor da Universidade Federal de Santa Catarina,
Curitibanos, Santa Catarina, Brasil
daniel.granada@ufsc.br

Resumo O objetivo do presente artigo é problematizar a pesquisa sobre o processo de expansão da capoeira fora do Brasil. Elaborado a partir de uma tese sobre a prática da capoeira na França e no Reino Unido, este trabalho problematiza as especificidades do estudo da prática da capoeira em seu processo de transnacionalização. São postos em evidência os desafios enfrentados pelo pesquisador para se inserir no campo e as dificuldades relacionadas ao domínio da língua para a realização de entrevistas e transcrições. A aplicação do método de etnografia multissituada ou translocal é debatida, refletindo sobre a necessidade de se levar em conta, além das diferentes localidades geográficas, a inserção do pesquisador nos espaços virtuais das redes sociais dos grupos na internet. Assinala-se a necessidade de considerar a questão dos contextos nacionais onde circulam os indivíduos e grupos estudados.

Palavras-chave: Etnografia multissituada, capoeira, processos identitários, migrações.

O presente artigo analisa os desafios da pesquisa de campo sobre a transnacionalização de bens simbólicos, uma das faces dos processos migratórios no contexto contemporâneo de intensa mobilidade humana. Arte marcial de origem afro-brasileira, a capoeira se expandiu em diversos países do mundo

1 Este artigo é fruto de uma tese defendida em 2013 na Université de Paris Ouest Nanterre La Défense e realizada em cotutela com a University of Essex sob a direção de Stefania Capone e Matthias Röhrig Assunção. Esta pesquisa foi possível graças à bolsa de cotutela e tese da Université de Paris Ouest Nanterre La Défense, à bolsa de cotutela de tese dispositivo SETCI (Soutien à l'Encadrement des Thèses en Cotutelle Internationale) atribuída pelo Conseil Régional d'Ile de France e do Broagan Fund do Departamento de História da University of Essex. Agradeço os comentários dos pareceristas anônimos da revista *Sociedade e Cultura* que contribuíram para a versão final deste artigo.

a partir da década de 1970. Sua expansão acompanha a emigração de brasileiros em busca de melhores condições de vida e trabalho no exterior, e repousa de maneira crescente sobre a apropriação e adaptação pelos praticantes “locais”².

Neste sentido, não é surpreendente que os primeiros a terem assinalado o crescimento da capoeira fora do Brasil tenham sido aqueles que estavam estudando a emigração de brasileiros para os Estados Unidos (Margolis, 1994; Ribeiro, 1999; Penha, 2001; Martes, 2003). Um bom número de brasileiros que emigraram em busca de melhores condições de vida e de trabalho entre os anos de 1980 e 2000 levou consigo a prática da capoeira, encontrando nessa atividade uma estratégia de sobrevivência e um meio de permanecer em contato com o Brasil, por meio da valorização positiva de um “bem cultural” do país de origem.

A emigração de brasileiros para os Estados Unidos é um movimento migratório caracterizado pela importância atribuída por pesquisadores às redes sociais estabelecidas pelos brasileiros na explicação desse fenômeno (Martes, 1999; Margolis, 2003; Patarra, 2005). Em uma pesquisa realizada em Boston em 1995, foi constatado que os brasileiros que optavam por emigrar em direção aos Estados Unidos partiam em busca de melhores oportunidades de trabalho e principalmente da ascensão social que lhes era negada no Brasil (Sales, 1999). Esse movimento se caracterizaria também por ser uma emigração de “classe média”, pois os emigrantes necessitavam possuir os recursos necessários para a compra das passagens aéreas (Sales, 2005).

A crise econômica dos anos 1980 no Brasil, período chamado de “a década perdida”, é vista como o elemento decisivo que desencadeou a emigração dos brasileiros, não apenas para os Estados Unidos mas também para países da Europa, como Portugal e Suíça. Sales (1999) acrescenta a isso o fator político associado principalmente ao desencantamento do período da redemocratização do país, que foi atravessado pelo fracasso de diversos planos econômicos, aumento do desemprego e da inflação. Para Patarra (2005), é necessário compreender a heterogeneidade dos movimentos migratórios a partir do Brasil e para o Brasil. A autora assinala que existem diversos fenômenos migratórios no Brasil contemporâneo, ressaltando a importância e a circularidade desses movimentos, assim como as redes sociais que se constituem e se reforçam (Patarra, 2005).

Nos estudos sobre brasileiros nos Estados Unidos, a capoeira, o samba e a batucada são frequentemente apresentados como manifestações de “brasilidade” ou “afro-brasilidade”³.

2 Quando falamos em praticantes locais em grandes metrópoles como Paris e Londres, é necessário levar em conta que são pessoas que vivem nessas cidades sem que necessariamente sejam originárias delas. Os praticantes de capoeira nessas cidades possuem as mais diversas origens.

3 As batucadas são orquestras musicais compostas de instrumentos de percussão, com tambores de tamanhos variados que tocam ritmos afro-brasileiros. A “brasilidade” ou “afro-brasilidade” podem ser definidas como manifestações originárias de práticas populares brasileiras que se tornaram símbolos do país, e que são identificadas no exterior como práticas do Brasil. Essas práticas se difundiram através de grupos de espetáculos folclóricos, bem como pela iniciativa de brasileiros e brasileiras que optaram por permanecer no exterior oferecendo cursos dessas modalidades. O caso da capoeira é analisado por Assunção (2005) que assinala a importância dos espetáculos folclóricos para a difusão dessa arte marcial nos Estados Unidos e Europa.

Entretanto, alguns desses estudos concluíram que a participação de brasileiros nesses grupos não era muito representativa em número de aderentes (Margolis, 1994). Os grupos de capoeira e batucada são, fora do Brasil, grupos de expressão da “brasilidade”, compostos em sua grande maioria por não-brasileiros, pela população local. Em geral, somente os instrutores e um pequeno número restrito de brasileiros fazem parte desses grupos, apesar da grande presença de emigrantes brasileiros no Estados Unidos.

Em um estudo de referência sobre os emigrantes brasileiros em Nova Iorque, Margolis (1994) nota a falta de “laços comunitários” no interior da “comunidade de brasileiros”. A falta desse sentimento de pertencimento comunitário é explicada pela autora pelo fato de que os brasileiros vão aos Estados Unidos para trabalhar e ganhar o máximo de dinheiro em um curto período de tempo (Margolis, 2003). Como eles acumulam dois ou três empregos, não teriam tempo de se integrar em atividades ou organizações comunitárias. Os brasileiros, segundo a autora, negavam sua condição de imigrantes e afirmavam que estavam nos Estados Unidos pontualmente, com o intuito de voltar ao país de origem logo que possível.

Um outro exemplo da ausência de entrosamento comunitário é a falta de apoio para as aulas de especialidades tradicionalmente brasileiras tais como a “capoeira” e a “batucada”, oferecidas por aquele centro. Estas aulas, e outras similares oferecidas de forma particular, atraíram apenas alguns entre os milhares de brasileiros que residem na cidade de Nova York. Por exemplo, entre as dezenas de alunos das aulas de « capoeira » oferecidas em Nova York, desde meados dos anos 1970, apenas cinco dos matriculados são atualmente brasileiros. Entre os frequentadores das escolas de samba locais, 90 por cento não eram brasileiros [...]. Aparentemente, estes grupos são integrados por americanos aficionados da cultura e da música brasileiras, mais do que brasileiros envolvidos com sua herança cultural (Margolis, 2003, p. 307).

O que é interpretado por Margolis (2003) como um exemplo da falta de laços comunitários ou falta de interesse com relação às práticas brasileiras constitui de fato uma das principais características do processo de implantação da capoeira fora do Brasil. Ao longo de minha pesquisa fora do Brasil, entre 2004 e 2011, pude constatar que a maior parte dos praticantes de capoeira nos grupos da França e Reino Unido é composta por não-brasileiros. De modo geral, o número de brasileiros não é importante nos grupos de capoeira, mesmo em cidades onde a presença de brasileiros é considerável, como Paris e Londres.

Após essa primeira onda de estudos que relatavam a existência da prática da capoeira e sua apropriação fora do Brasil associada a imigrantes brasileiros, dois estudos se dedicaram exclusivamente à prática da capoeira fora do Brasil: os trabalhos pioneiros de Travassos (2000) sobre a capoeira nos Estados Unidos e os de Vassallo (2001) sobre a capoeira na França.

As teorias sobre as migrações internacionais ocupam um lugar central na explicação da expansão da prática da capoeira fora do Brasil. Trabalhos recentes, como o de Aceti (2011)

e a tese de Guizardi (2011), que trata da capoeira na Espanha, em Madri, demonstram a importância atribuída às teorias sobre migrações para explicar a expansão da capoeira na Europa. Alguns desses estudos, como os de Delamont e Stephens (2008), reconhecem a importância da migração de brasileiros para compreender a capoeira fora do Brasil, sem, todavia, analisar a bibliografia sobre os brasileiros migrantes e as especificidades dessa migração. Outros estudos, como o de Joseph (2008a) sobre a capoeira no Canadá, e de Guizardi (2011) sobre a capoeira em Madri, notam a importância da imigração de brasileiros para a explicação do crescimento da capoeira em seus respectivos países de estudo. A tese de Aceti (2011) reconhece o papel da imigração de praticantes brasileiros, mas coloca em evidência a participação e a importância dos praticantes não-brasileiros na Europa.

Certamente, a perspectiva dos estudos sobre migrações internacionais é importante para explicar as origens e a difusão da prática da capoeira na Europa. Entretanto, no caso da capoeira, a perspectiva das migrações internacionais apresenta dois problemas centrais. Primeiramente, o caráter assimilacionista desses estudos (Capone, 2010) é questionado, porque é justamente por meio da valorização positiva de um “bem cultural” do país de origem que o capoeirista consegue a sua integração na sociedade de acolhimento. Em segundo lugar, não são apenas os imigrantes brasileiros que fazem parte dos grupos de capoeira, em geral somente o mestre ou o professor são brasileiros, mas existem diversos grupos em que não há nenhum brasileiro entre seus integrantes, sendo compostos exclusivamente por praticantes locais “não-brasileiros”⁴.

Com relação à capoeira em Madri, o estudo de Guizardi (2011) assinala que entre os vinte grupos que ela estudou, onze foram criados no Brasil e se implantaram em Madri graças à presença de brasileiros na cidade, e dez foram criados em Madri, sendo que seis deles eram dirigidos por imigrantes brasileiros e quatro por capoeiristas europeus. Ela assinala que quase um terço dos grupos de Madri que compõem a sua amostra (de 2007 a 2009) é dirigido por europeus, a maior parte deles espanhóis e portugueses (Guizardi, 2011).

Assim sendo, não se trata de obliterar as contribuições das teorias sobre as migrações internacionais na explicação do fenômeno de expansão da capoeira fora do Brasil, mas é necessário compreender as contribuições de outras perspectivas que auxiliam a compreender a delocalização e a conseqüente realocação da capoeira fora do Brasil⁵. As teorias sobre as diásporas e sobre a transnacionalização também possuem pertinência no quadro da explicação teórica (Ferreira, 2013, 2015; Granada, 2015, 2017).

4 É preciso utilizar o termo “não-brasileiro” para designar os capoeiristas com as mais diversas origens em metrópoles como Paris e Londres. Assim, quando se fala em capoeiristas londrinos ou parisienses, o texto se refere àqueles que praticam capoeira nessas cidades, sem necessariamente serem originários delas.

5 A delocalização e realocação da capoeira são analisados aqui como processos multiformes nos quais a capoeira é compreendida como fruto de processos criativos de apropriação e ressemantização da prática nos contextos locais.

A transnacionalização da capoeira

A noção de transnacionalização é importante para os estudos sobre a capoeira fora do Brasil, porque não se trata mais de compreender a expansão da prática estando exclusivamente associada a um movimento migratório, mas igualmente a existências de redes sociais complexas que foram estabelecidas ao longo dos últimos anos entre brasileiros e não-brasileiros, tanto no Brasil como alhures. Essa noção tem sido utilizada nos estudos sobre a capoeira fora do Brasil para designar fenômenos associados à imigração de brasileiros e à conseqüente circulação de bens e de ideias através das fronteiras nacionais. Esses estudos colocam em evidência relações entre o campo “cultural” e o “político” dentro de diversos contextos nacionais, bem como as implicações identitárias e as relações de poder decorrentes do encontro entre praticantes brasileiros e praticantes locais no Canadá (Joseph, 2008a, 2008b), na França (Ferreira, 2008, 2015; Gravina, 2010), na Espanha (Guizardi, 2011, 2013) e no Reino Unido (Ferreira, 2015). Outro estudo recente analisa o impacto da transnacionalização dessa prática no Brasil, com exigências crescentes sobre a legitimidade e profissionalização dos professores e mestres de capoeira (Wesolowski, 2012).

Assunção (2005) foi um dos primeiros a evidenciar a amplitude do fenômeno da expansão da capoeira fora do Brasil e a problematizar o contato entre brasileiros e não-brasileiros. Esse tema também é tratado de forma sistemática por Delamont (2006), Delamont e Stephens (2007, 2008) e Delamont, Campos e Stephens (2010) com relação aos grupos de capoeira no Reino Unido. Esses autores buscaram formas de escrita inovadoras sobre a prática da capoeira. Aceti (2011) também problematiza a realização da etnografia multissituada no estudo da capoeira e desenvolve as reflexões presentes em sua tese com relação às tensões entre o local e o global, e aos desafios associados à desterritorialização e realocação da capoeira na Europa.

Como explica Capone (2010), é nos anos 1990 que o enfoque transnacional começa a ser afirmado no estudo sobre as migrações transnacionais. Essa nova forma de abordar os estudos migratórios coloca em evidência uma perspectiva dos migrantes, ou seja, uma perspectiva “*from below*”, “de baixo”, em que as redes familiares e os laços de amizade dos imigrantes ganham em visibilidade. Diferentemente da perspectiva das migrações internacionais, que coloca em evidência as trocas entre os Estados-nacionais, o termo “transnacional” define toda atividade iniciada e promovida por atores não institucionais, sejam eles indivíduos ou grupos que cruzam as fronteiras do Estado-nação (Capone, 2010, p. 237). A noção de transnacionalização teria se expandido nos estudos antropológicos em razão do interesse crescente dos pesquisadores com relação às trocas e aos fluxos de pessoas e de elementos culturais através das fronteiras (Glick-Schiller; Basch; Szanton Blanc, 1995).

Os desafios da pesquisa de campo

Em minha pesquisa de tese, alguns desafios se impuseram logo de início. Primeiramente pelo próprio tema: o estudo da expansão e apropriação da prática da capoeira fora do Brasil, temática complexa, atravessada por questões ligadas à delocalização da prática originalmente brasileira na Europa, mais precisamente nos grupos de capoeira de Paris e Londres. A pesquisa nas associações de capoeira fora do Brasil permitiu não somente o questionamento sobre as transformações da prática, como igualmente colocar em evidência seus mecanismos de reprodução e controle. Se é claro que as transformações existem, os dados da pesquisa de campo desvendaram um quadro complexo sobre os mecanismos de controle postos em prática pelos mestres e grupos de capoeira para garantir sua legitimidade dentro de um “mercado” (Bourdieu, 2002) da capoeira em Paris e Londres, na construção de um campo social transnacional (Glick-Schiller, Levitt, 2004; Glick-Schiller, 2010; Capone, 2010).

A noção de existência de um “mercado da capoeira” se refere a um espaço estruturado de posições que são determinadas pela distribuição de diferentes espécies de recursos ou de “capital” (Bourdieu, 2002, p. 113-120). Bourdieu assinala que para que um campo funcione é necessário que existam pessoas dispostas a jogar, dotadas de um *habitus* implicando o conhecimento e reconhecimento das leis imanentes do jogo, seus desafios etc. (Bourdieu, 2002). Glick-Schiller e Levitt (2004, p. 1009) utilizam o termo “campo social” como um conjunto de redes interconectadas de relações através das quais as ideias, as práticas e os recursos são trocados, organizados e transformados de maneira desigual. Entretanto, Glick-Schiller (2010) assinala que a noção de campo social transnacional que ela utiliza não é inspirada na noção de Bourdieu (2002), mas sim no conceito de “campo social” desenvolvido pelos antropólogos sociais e pelos geógrafos, que coloca em evidência as relações sociais que religam e transformam os espaços sociais historicamente baseados sobre a territorialidade, como a comunidade local, a cidade ou o Estado.

A pesquisa de campo

Entre 2006 e 2008, minha pesquisa foi conduzida junto ao grupo de capoeira Ypiranga de Pastinha em Vitry Sur Seine e a Associação Kolors no 19eme arrondissement de Paris. Em seguida, entre 2008 e 2011, meu trabalho de campo foi feito em diversos grupos do Reino Unido, especialmente nos grupos Cordão de Ouro, Kabula, London School of Capoeira e Grupo Amazonas. Ao longo de todo o estudo eu realizei 72 entrevistas formais, totalizando mais de trinta e três horas de gravação em inglês, francês e português, cuja maior parte foi transcrita em português, além de mais de 300 fotos. A própria língua se torna um desafio na realização da tese, exigindo do pesquisador a competência necessária para conseguir acessar as informações e dialogar com seus interlocutores.

Como a tese foi redigida e defendida em francês, as entrevistas em inglês e português tiveram que contar com a tradução do autor para a língua francesa, o que implicava o desafio adicional de traduzir certos termos específicos do linguajar dos grupos de capoeira em francês, tais como malandragem, ginga, manha, mandinga etc. O processo utilizado foi o de traduzir diretamente as entrevistas feitas em português para o francês e aquelas realizadas em inglês foram, por questões de ordem epistemológica, mantidas em inglês no corpo do texto e traduzidas em francês em notas de rodapé. Os problemas associados à transcrição das entrevistas e à elaboração da redação a partir dos relatos das pessoas entrevistadas foram objeto de reflexão central, principalmente com relação às ideias avançadas de Thompson (2000, p. 257-264) com relação às problemáticas da transcrição das entrevistas. Vista a impossibilidade de transcrever a complexidade dos relatos, com as pausas, as entonações e os eventuais erros, ou seja, de transcrever exatamente o que foi dito oralmente na forma escrita, a alternativa encontrada foi a de reordenar os relatos com o objetivo de manter o sentido e não exatamente a forma.

A metodologia empregada buscou colocar em evidência as trajetórias dos capoeiristas em toda sua complexidade. A análise detalhada dos relatos permitiu compreender melhor a forma como as relações de poder afetam a organização dos grupos de capoeira fora do Brasil. Essa escolha metodológica revelou os mecanismos utilizados na construção da autenticidade e da legitimidade nos grupos, bem como as relações de poder com os demais grupos presentes nesses mercados. Essa perspectiva se inseria em uma tentativa de privilegiar os atores na constituição de um campo social transnacional, associado aqui à prática da capoeira.

Estudar a transnacionalização da prática da capoeira requer também, da parte do pesquisador, um conhecimento prévio das leis que orientam esse mercado. Nesse sentido, minha pesquisa também se construía sobre um conhecimento anterior do campo. Eu de fato havia praticado capoeira durante quinze anos, tendo uma inserção nos grupos e conhecendo bem seu funcionamento. Comecei a estudar a prática e sua expansão fora do Brasil desde 2002, quando fui admitido no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) com um projeto de pesquisa que buscava entender a apropriação da capoeira pelos estadunidenses. Tal estudo teve como resultado a dissertação defendida em 2004 sob o título de *Brasileiros nos Estados Unidos, capoeira e identidades transnacionais* (Ferreira, 2004), em uma época em que pouco se falava sobre identidades transnacionais no Brasil. Minha pesquisa abordou os praticantes da FICA (Fundação Internacional de Capoeira Angola), um grupo de capoeira que funciona como uma franquia, trabalhando em rede com diversos núcleos em diferentes países, e cuja sede é em Washington DC. Chamava a atenção, nessa fundação, a presença de afro-americanos que encontravam na prática da capoeira ligações com seu passado e identificavam uma forma de contato com sua ancestralidade. A FICA, nos Estados Unidos, havia começado suas atividades junto à Ausar Auset Society, uma associação restrita, exclusivamente para negros. A presença da capoeira nessa associação foi favorecida pela presença de intelectuais afrocêntricos. Em virtude das restrições à

participação de brancos, frequentemente existiam conflitos entre o mestre brasileiro, que não via problemas em acolher os brancos, e os dirigentes da Aússar, para quem os brancos não eram bem-vindos (Ferreira, 2004). Mais tarde, em 2005, já estudando na França, escrevi outra dissertação de mestrado, sob a direção de Michel Agier, no IHEAL (Institut des Hautes Études de l'Amérique Latine) da Université de Paris III Sorbonne Nouvelle, dedicado à compreensão das ideias de “raça” e “nação” no Brasil e do desenvolvimento da capoeira desde o século XIX, bem como sobre a apropriação da prática feita pela associação Kolors (Ferreira, 2005).

Foi em razão deste olhar, desenvolvido dentro dos grupos de capoeira e forjado por anos de estudo sobre a expansão da prática e a emigração de brasileiros, o que acabou sendo parte de minha história, tendo vivido na Europa de 2004 a 2010, que o trabalho de campo foi realizado, explorando as zonas de contato entre diversas disciplinas, como a história, a antropologia, a etnologia e a sociologia. Nesse sentido, tomo de empréstimo as palavras de Peter Burke (1989), que critica o modelo tradicional de relação entre a memória e a história, ao afirmar que a memória retrata o que se passou e que a história refletiria a memória. Para o autor, lembrar do passado ou escrever sobre aquilo que se passou não podem mais ser vistos como atividades inocentes. Segundo ele, nem a memória nem a história podem ser percebidas como objetivas. Em ambos os casos, explica Burke (1989), é preciso aprender a identificar nossas seleções, interpretações e distorções conscientes e inconscientes, que são socialmente condicionadas. Elas exprimem as circunstâncias de sua produção e os lugares de onde falamos. Desse modo, o caminho adotado dentro da pesquisa foi o de compreender a história contada pelo pesquisador como parcial, datada e localizada, constituindo apenas uma versão dentre outras possíveis, evitando assim toda deriva totalizante e compreendendo o resultado final como fruto das seleções conscientes e inconscientes do pesquisador.

O discurso nos grupos de capoeira

Em relação aos grupos de capoeira fora do Brasil, foi possível constatar durante a pesquisa que a problemática se concentrava na multiplicidade e fragmentação dos discursos concorrentes na disputa pelo mercado. Certamente, existe uma multiplicidade de discursos e narrativas concorrentes entre os grupos de capoeira, como já havia sido identificado por Travassos, que os classificou como “essencialmente polifônicos” (Travassos, 2000, p. 7)⁶. Entretanto, cada praticante de capoeira pode identificar perfeitamente quem foram seus

6 Em geral, os capoeiristas utilizam a palavra *grupo* para se identificar de forma coletiva fora do Brasil. No caso da França, os grupos assumem a forma jurídica de *associação*, segundo a lei de 1901, o que permite a realização de projetos e o acesso a subvenções públicas para o funcionamento ordinário ou realização de eventos. No Reino Unido, alguns grupos assumem a forma de *charities*, que seriam associações caritativas sem fins lucrativos, mas segundo relatos o processo para se tornar *charity* seria complicado.

mestres e professores e quais são aqueles com quem eles estão atualmente em ligação⁷. Não raro, os capoeiristas minimizam a importância de um determinado mestre julgado “menos tradicional” em sua trajetória em favor de outro julgado “mais tradicional”. Os praticantes podem também descrever suas linhagens de filiação, bem como aquelas de seus mestres. Os mestres, por sua vez, constroem discursos muito precisos e elaborados sobre suas origens.

Com efeito, no caso dos grupos de capoeira e de seus *sites*, é possível identificar uma complementaridade entre a existência real dos grupos e o suporte às suas atividades difundido pelos *sites*, da mesma forma os grupos de discussão e as redes sociais como *Facebook* e *Twitter*, entre outros. De fato, as páginas da internet se tornaram espaços onde se encontram esses grupos permanentemente, uma vez que a maior parte deles utiliza os espaços físicos das salas de treino somente em horários precisos, pois as salas geralmente são compartilhadas com práticas de outras modalidades de dança, luta ou ginástica.

Deste modo, os *sites* da internet se tornaram os lugares em que é possível encontrar a história e a memória dos grupos de forma contínua, de onde eles vêm, quais são suas origens e “tradições”, quais são os elementos que compõem suas histórias. É a capacidade de comprovar a existência de linhagens de capoeira por meio dos vínculos com mestres e grupos que, geralmente, servirá como legitimadora da condição de professor ou mestre e seu reconhecimento pelos pares nesse mercado. Cada grupo constrói cosmologias próprias, inerentes às origens de seus mestres e seu grupo de origem. Os mestres formulam um mito de origem que orienta a prática do grupo, que define seu lugar dentro da capoeira e seus limites entre o “nós” e os “outros”, com relação às diferentes linhagens e grupos. Os processos de “construção identitária” dentro dos grupos são complexos e seus discursos virão a dar sentido à ação do grupo. No interior das associações de capoeira, as histórias contadas têm por objetivo definir o grupo e seus membros, e a narrativa se sustenta não apenas sobre as reconstruções das experiências diretas, mas da mesma forma sobre as lendas e histórias (Thompson, 2000).

O discurso dos capoeiristas

O discurso dos mestres de capoeira foi objeto de reflexão de Ribeiro que, em 1999, previu que as primeiras teorias produzidas pelos brasileiros emigrantes sobre a

7 Os grupos de capoeira se dividem em três grandes linhagens: a capoeira regional, a capoeira angola e a capoeira contemporânea (Assunção, 2005). Cada estilo apresenta especificidades associadas aos diferentes grupos e escolas de capoeira. Em cada uma das linhagens existem subdivisões ligadas aos diferentes grupos. Diversamente do que o observador externo pode pensar, em cada grupo a organização dos instrumentos, seu lugar dentro da bateria, a ordem na qual os capoeiristas devem começar a tocar, a rapidez dos movimentos que eles executam em uma roda de capoeira, o que é permitido ou proibido, os tipos de canto e quando eles devem ser cantados, as roupas e uniformes dos capoeiristas, as histórias sobre as origens da capoeira, bem como aquelas sobre as origens do grupo, todos esses aspectos são determinados por orientações mais ou menos estritas dentro de cada grupo. Elas também são variáveis, mas perfeitamente identificáveis dentro dos grupos estudados.

reconstrução da “brasilidade” nos Estados Unidos iriam ser produzidas por mestres de capoeira⁸:

As primeiras teorias nativas dos brasileiros emigrantes sobre “o que faz o Brasil, Brazil”, presumo, sairão dos mestres de capoeira, que, como outros professores de artes marciais, possuem discursos elaborados sobre o que sua atividade representa em termos de construção do corpo, da personalidade e, em especial, de fusões culturais. (Ribeiro, 1999, p. 72-73).

De fato, os mestres de capoeira são especialistas na elaboração de discursos sobre o que é o “Brasil” e como são os “brasileiros”⁹. Graça a seu poder e autoridade dentro dos grupos, os mestres são também conselheiros que orientam seus alunos europeus sobre o que é preciso fazer para se tornar um pouco “brasileiro” e desse modo ser um melhor capoeirista. Na necessidade de se adaptar e reunir mais alunos, os mestres de capoeira precisam compreender como pensam seus alunos e traduzir a prática da capoeira ao contexto local.

Como lembra Bourdieu (2001), os discursos não são independentes das relações com os mercados nos quais operam:

Les discours ne reçoivent leur valeur (et leur sens) que dans la relation à un marché, caractérisé par une loi de formation des prix particulière : la valeur du discours dépend du rapport de forces qui s'établit concrètement entre les compétences linguistiques des locuteurs entendues à la fois comme capacité de production et capacité d'appropriation et d'appréciation ou, en d'autres termes, de la capacité qu'ont les différents agents engagés dans l'échange d'imposer les critères d'appréciation les plus favorables à leurs produits. (Bourdieu, 2001, p. 100).

Para os grupos de capoeira fora do Brasil, diversos elementos devem ser identificados no tratamento das entrevistas com membros de diferentes grupos. Essas variáveis dependem inicialmente do lugar que o interlocutor ocupa dentro do grupo (ou seja, se ele é um mestre, um professor, um iniciante ou um aluno graduado)¹⁰. Na França, na associação Ypiranga, eventualmente se acumulavam os postos administrativos de gestão da associação,

8 O mestre de capoeira é um tipo comparável ao “profeta” de Max Weber (1995, p. 190): “Portador de um carisma puramente pessoal que, em virtude de sua missão, proclama uma doutrina religiosa ou uma missão divina”.

9 Ver sobre esta temática Joseph (2008a); Delamont (2006); Delamont, Campos e Stephens (2010) e Guizardi (2011, 2013).

10 Cito apenas algumas categorias nativas de classificação. Essas categorias são variáveis e podem acarretar a utilização de tipos vestimentares distintivos, como cintos, cordas, símbolos de camisetas de cores diversas, de acordo com a posição hierárquica de cada membro dentro do grupo. Essas classificações são importantes na organização de cada grupo e acarretam com frequência direitos e obrigações específicas, como acesso privilegiado aos instrumentos, especialmente aos berimbaus no momento das rodas, ao direito de cantar, de jogar nas rodas e ao direito de fala no final das rodas de capoeira. Alguns grupos utilizam a categoria *trenel*, enquanto outros utilizam *professor* ou *formado* para designar o capoeirista apto a dar aulas na ausência do mestre.

como presidente, tesoureiro e secretário. A nacionalidade também será decisiva na elaboração sobre “nós” e os “outros”, bem como as relações de gênero, a cor da pele e a localização geográfica do local de residência¹¹. As variações de contexto nacional também vão influenciar a produção do conteúdo dos discursos acionados pelos capoeiristas. Assim, existem nuances dos discursos elaborados na França e no Reino Unido, devido ao ideal do igualitarismo republicano e à recusa de reconhecimento das etnicidades, no caso da França, e ao multiculturalismo liberal britânico, com o reconhecimento dos particularismos étnicos.

Amselle (2001) considera que a crise da representação política na França está relacionada com a erosão da consciência de classe, o que foi possível graças ao enfraquecimento dos sindicatos e dos partidos políticos. Segundo o autor, o enfraquecimento das velhas formas de identificação ofereceu um campo de identificação em termos de comunidades aos indivíduos (Amselle, 2001). A fragmentação dos grupos sociais sob a forma de comunidades assinala, segundo o autor, a transformação de um Estado-nação dotado de classes sociais em um Estado comunitarista (Amselle, 2001). Mesmo se essas transformações na França são evidentes, os ideais do igualitarismo republicano ainda são bastante partilhados pelos franceses que se pensam como sociedade igualitária. A produção recente sobre o tema do racismo na França começa a colocar em evidência certas desigualdades e a questionar se elas podem ser explicadas exclusivamente por questões econômicas e sociais (N’Diaye, 2007; Fassin, D.; Fassin, E., 2006).

Sobre o multiculturalismo, Tariq Modood (2007) afirma que ele se impôs na Europa e, particularmente, no Reino Unido, mais em razão da imigração de pessoas não brancas em um país de pessoas majoritariamente brancas, do que graças à ação de movimentos políticos. Stuart Hall analisa a questão do multiculturalismo no Reino Unido e assinala que o fenômeno recente da visibilidade atribuída às populações imigrantes pode ser entendido como um “às margens no centro” (Hall, 2000, p. 217-221). A incorporação dos contextos nos quais os atores desenvolvem suas ações se torna central na compreensão dos fenômenos ligados à elaboração de discursos em situações de pesquisa sobre imigração e transnacionalidade. Michel Agier (2001) lembra da importância de se incorporar a questão do contexto na constituição dos objetos de estudo. Ele afirma que o observador deve

11 Um contraste interessante deve ser notado na França, pois existe uma oposição entre o “*parisien*” (ouvimos frequentemente nos grupos de capoeira as expressões “*parisien tête de chien*”: parisiense cabeça de cachorro, ou “*parigot tête de veau*”: parisiense cabeça de bezerro) e o “*banlieusard*”, aquele que vive na chamada *banlieue*. Os parisienses são divididos entre os que moram em Paris, mas que são originários de outras regiões, e aqueles que são nascidos em Paris e que, segundo os franceses dos grupos de capoeira pesquisados, são difíceis de conhecer. Os *banlieusards* por sua vez se dividem entre franceses e “estrangeiros”, e não é raro que os “estrangeiros” sejam classificados como tais em função de suas características físicas, mesmo se eles são nascidos na França. Nos grupos de capoeira a “identidade de *banlieusard*” é marcada positivamente. Em Ivry e Vitry sur Seine ela é acionada para reivindicar oposição, até mesmo um certo desprezo com relação aos parisienses, mais do que uma identificação geográfica. Em Londres, as pessoas entrevistadas se identificavam como *Londoners*. Essa categoria designa tanto o morador de Londres quanto aquele que vive nos subúrbios. Ela não está intrinsecamente ligada ao local de nascimento, mas a um estilo de vida compartilhado. Os não britânicos entrevistados se sentiam orgulhosos de se identificar como *Londoners*.

focalizar sua atenção nas interações ou situações reais, tanto quanto nas representações formuladas *a priori* sobre as culturas, as tradições, ou as figuras ancestrais em nome das quais se supõem que elas agem. Esse procedimento permitiria compreender como as identidades se reconfiguram em contextos locais precisos. Ele defende a necessidade de um método situacional das identidades e culturas com o objetivo de compreender as lógicas observadas diretamente no campo e como um princípio de “vigilância anti-exótica da antropologia” (Agier, 2001, p. 12).

A etnografia “translocal” ou “multissituada”: desafios para os estudos da capoeira fora do Brasil

Fazer etnografia em diferentes lugares para estudar a capoeira é, sem dúvida, uma tarefa complexa. Inicialmente, é preciso compreender as diferenças entre os diferentes campos. É verdade que nos grupos de capoeira a primeira impressão é de nos encontrarmos em lugares semelhantes e conhecidos, o que se relaciona com a utilização dos instrumentos, da música, dos movimentos do corpo, que podem ser entendidos como parecidos para o neófito¹². Entretanto, existem diversos aspectos que se diferem de acordo com o contexto no qual a capoeira é praticada, a forma como os grupos se organizam e as relações entre eles. Essas diferenças serão também consequência das estratégias de inserção utilizadas pelo pesquisador. Se por um lado é verdadeiro que o fato de frequentar um grupo durante muito tempo e participar das suas atividades permite uma visão mais profunda e detalhada, é igualmente verdadeiro que, nessas condições, os outros grupos presentes no mesmo mercado identificam o pesquisador como membro de um grupo rival, e isso pode ter implicações sobre a integração em outros grupos, bem como sobre a qualidade das informações que eles vão fornecer.

Circular entre os diferentes grupos e realizar entrevistas sem praticar capoeira nem participar ativamente das ações dos grupos oferece uma visão geral e requer atenção especial no objetivo de alcançar dimensões mais complexas da organização dos grupos. Nesse sentido, o modelo multissituado considera as diferenças de qualidade e de intensidade das informações colhidas sobre diferentes campos (Marcus, 1995). Ao longo de minha pesquisa apliquei o método da observação participante com imersão nos grupos de capoeira da França, onde participei nas atividades enquanto praticante durante mais de três anos. Por outro lado, no Reino Unido, minha participação ficou restrita à presença nas rodas, nos treinos de capoeira e à realização de entrevistas com os capoeiristas locais, sem um engajamento real como praticante de capoeira. Esses dois métodos de pesquisa apresentam níveis diferentes de análise e de escala de profundidade, o que coloca em

12 Um praticante de capoeira pode se dar conta da complexidade da forma de organização de um grupo que se torna visível desde a disposição dos instrumentos na orquestra até a forma como um capoeirista se agacha ao pé de um berimbau para entrar em uma roda. O capoeirista experiente, a partir desses elementos, pode identificar a escola à qual um praticante pertence e até o tempo de prática que ele possui, sem que uma palavra precise ser dita.

questão exatamente a simetria clássica entre o objeto de estudo, o trabalho de campo e o produto escrito. Se da perspectiva clássica a densidade era uma virtude e a superficialidade deveria ser evitada, no modelo multissituada, é fundamental levar em consideração a densidade e a superficialidade dos dados recolhidos em campo como elementos chave da análise etnográfica:

La signification et les fondements d'un projet ethnographique génèrent une économie morale beaucoup plus compliquée que l'économie morale rédemptrice qui sous-tend l'essentiel de l'ethnographie contemporaine suivant le paradigme classique. Cela détermine les limites de ce que la réflexivité peut explorer dans la relation que l'anthropologue entretient avec un ensemble de sujets qui se trouvent habituellement socialement dominés, déchirés entre la résistance et le compromis envers l'État, le marché et l'ordre institutionnel. Le projet critique de terrain multi-site dont je viens de parler agit dans un espace de référence ethnographique tout autre, mutuellement constitué, à la fois dense et superficiel (Marcus, 2002, p. 9).

Outro problema levantado pela pesquisa quando realizada em diferentes localidades, no caso da capoeira, é que a circulação dos capoeiristas entre os diferentes grupos é considerável para a troca de informações e conhecimentos, para se estabelecer laços de amizade e relacionamentos. Portanto, descobrir a existência dessas ligações e explorá-las em diferentes contextos se mostra fundamental para a pesquisa, na medida em que esse procedimento permite desvendar as relações que os grupos mantêm entre si. Hannerz (2003) propõe a ideia de uma pesquisa translocal, que não se restringe a um único lugar. Ele sugere a importância de compreender as relações que existem entre esses lugares:

The sites are connected with one another in such ways that the relationships between them are as important for this formulation as the relationships within them; the fields are not some mere collection of local units. One must establish the translocal linkages, and the interconnections between those and whatever local bundles of relationships which are also part of the study (Hannerz, 2003, p. 206).

Uma questão delicada na realização da pesquisa “translocal” ou “multissituada” sobre os grupos de capoeira é o fato de que os capoeiristas se conhecem. É possível que em uma mesma cidade eles não se visitem em razão de problemas ou divergências, mas em geral eles sabem quem está na cidade, quais são seus concorrentes, e sabem com frequência quais são as atividades de seus pares. Assim que o pesquisador chega em um grupo, os outros rapidamente ficam sabendo. A partir de então, durante a pesquisa, é preciso estar atento com relação às questões relativas aos outros grupos, porque isso pode incomodar os mestres e alunos. Os capoeiristas são desconfiados e, algumas vezes, acabei me encontrando em situação de ter que responder a questões sobre minha própria trajetória, simplesmente com o objetivo de assegurar meu entrevistado sobre minhas intenções.

Frequentemente, o pesquisador também se vê confrontado com situações em que os capoeiristas de diferentes cidades se conhecem bem. Eles geralmente possuem histórias

compartilhadas, e nesse sentido a inserção do pesquisador deve ser negociada. Essa negociação, no caso da pesquisa de campo no Reino Unido, ocorreu com a demonstração, em momentos-chave, que eu conhecia determinados capoeiristas pertencentes a uma determinada linhagem à qual se afiliavam os entrevistados, ou em outros casos com a demonstração de habilidades, como cantor ou tocador de berimbau em determinadas rodas. Foi desse modo que minha inserção se tornou mais fácil, uma vez que eles me identificavam como um capoeirista sem, entretanto, que eu precisasse passar os limites que havia previamente estabelecido de não ser identificado como membro de um grupo determinado.

Outra dimensão da etnografia translocal ou multissituada que foi importante na realização de minha pesquisa de tese foi o estudo dos espaços virtuais ocupados por esses grupos. A etnografia virtual (Hine, 2000) foi, desse modo, fundamental para a realização da pesquisa e focou na análise de mensagens de *e-mail*, textos SMS enviados por telefone, pesquisas nas redes sociais e, é claro, nos *sites* dos grupos. Certas discussões ocorriam quase que exclusivamente nos ambientes virtuais, o que demonstra a importância fundamental de se levarem em conta na atualidade os grupos de discussão da internet ou de telefones celulares no estudo de organizações sociais no meio urbano. Outra questão suplementar para o pesquisador é negociar sua inserção nesse campo virtual, sabendo que é um campo restrito aos membros e ex-membros dos grupos e que para participar dele também é preciso haver conquistado a confiança das pessoas que se estudam¹³.

No caso dos grupos de capoeira, há que se considerar, igualmente, que essas identidades são reconfiguradas em processos identitários que levam em conta mais de um marcador nacional. No caso de metrópoles como Paris e Londres, temos pessoas de diferentes partes do mundo, que vivem em um contexto local, mas que fazem uma prática de um terceiro país. Nesse sentido, esses marcadores identitários se formam em processos que tornam ainda mais complexa a compreensão da alteridade.

A etnografia em contextos pós-coloniais

Além das questões relativas à negociação da inserção enquanto pesquisador em campo, a redação de meu trabalho considerou o debate que questiona a autoridade etnográfica (Clifford, 1983). Desse modo, foi necessário encontrar uma forma de redação que, ao mesmo tempo, desse a voz aos capoeiristas e buscasse encontrar os significados escondidos por trás de seus relatos. Debates recentes da produção pós-colonial colocam em questão exatamente se é possível ao pesquisador “dar voz ao nativo”, ou se pode o

13 Em 2004, quando apresentei minha dissertação de mestrado na Universidade Federal do Rio de Janeiro sobre a FICA, ofereci uma cópia ao Mestre Cobra Mansa, presidente do grupo. No trabalho eu tinha utilizado informações tiradas de um grupo de discussão da FICA nos Estados Unidos para apresentar exemplos do racismo antibranco. Pouco tempo depois, recebi uma mensagem informando que estava sendo excluído do grupo de *e-mail* e conseqüentemente tendo meu acesso às informações restringido.

subalterno falar (Spivak, 2010). A solução de Spivak vai no sentido de não falar pelo nativo, mas de encontrar meios para que o subalterno possa falar e ser ouvido.

Nesse caso, sendo ao mesmo tempo capoeirista e brasileiro na Europa, também subalterno, pesquisando sobre uma temática que fugia dos temas clássicos da etnologia, minha solução era evidente, uma vez que tratava sobre a capoeira na Europa, uma das faces escondidas dos processos de globalização e transnacionalidade colocados em prática por praticantes de capoeira brasileiros, migrantes frequentemente ilegais, e em muitos casos mulheres que tocavam grupos de capoeira na Europa, como Mestre Sylvia, da London School of Capoeira (Granada, 2017). Procurei, ao longo do trabalho, explicitar as diferentes trajetórias dos capoeiristas, homens ou mulheres, brasileiros ou não, que dedicam ou dedicaram parte de suas vidas a propagar essa prática afro-brasileira fora do Brasil, compreendendo que pesquisador e pesquisado seriam cúmplices e participariam conjuntamente desse processo de transnacionalização. O relato que foi desenvolvido buscou colocar em evidência as diferentes vozes existentes entre mestres, professores, praticantes e outros agentes que possuíam relação com os grupos de capoeira. Nesse sentido, o trabalho final comportou o emprego de ensaios metodológicos multiformes, nos quais se buscou dar coerência a uma multiplicidade de relatos diversos, mas ao mesmo tempo “deixá-los falar”, e exprimir as contradições e incoerências extraídas nas entrevistas.

Os problemas da escrita etnográfica e da autoridade do etnólogo face aos capoeiristas foram questões presentes neste trabalho. Em 1983, Clifford já alertava que em um mundo que tinha se tornado interconectado, a produção e a autoridade etnográfica se encontravam completamente abaladas, com o antropólogo estando constrangido a partilhar seus textos e capítulos com os seus objetos de estudo, os “nativos” sobre os quais escreve (Clifford, 1983). O método desenvolvido no meu trabalho buscou colocar em evidência a importância dos agentes capoeiristas no processo de transnacionalização da capoeira. A análise detalhada da trajetória de vida dos mestres de capoeira permitiu melhor compreender a forma como as relações de poder afetam a organização dos grupos de capoeira fora do Brasil e colocou em evidência os mecanismos utilizados na construção da legitimidade e da autenticidade dentro dos grupos, bem como as relações estabelecidas com os outros dentro desse mercado. Retomando as críticas de Bourdieu (1986) sobre a “ilusão biográfica”, o método empregado buscou, pela análise dos relatos de vida dos diversos atores que compõem esse campo, tornar explícitos os desafios associados à legitimidade enquanto praticantes de capoeira¹⁴.

Conforme lembra Caillet (2010), o exercício de confiar uma narrativa de vida a alguém é sempre uma tarefa delicada, que acarreta, de outro lado, a coleta do relato

14 Bourdieu assinala que todo relato sobre a história de vida é constituída a partir do contexto presente, em que o entrevistado busca dar sentido de maneira coerente e totalizante a um relato de sua vida. Ele afirma que “les événements biographiques se définissent comme autant de placements et de déplacements dans l’espace social c’est-à-dire, plus précisément, dans les différents états successifs de la structure de la distribution des différentes espèces de capital qui sont en jeu dans le champ considéré” (Bourdieu, 1986, p. 71).

da parte do etnólogo. Esse último, imbuído de uma visão científica, busca dar sentido aos fragmentos de memória recolhidos (Caillet, 2010), como se a vida ou a história de vida de qualquer pessoa tivesse tal coerência para finalmente justificar a posição presente dos atores. A redação da tese sobre os processos de migração e transnacionalização da capoeira foi, portanto, elaborada a partir da trajetória dos capoeiristas e suas histórias de vida, recolhidas pelo etnólogo e capoeirista em campo. O conhecimento da prática da capoeira foi primordial para desvendar as relações de poder entre os grupos nos diferentes campos. Se por um lado cada grupo possui características e histórias próprias, associadas às circunstâncias e à idiossincrasia de seus mestres, os desafios e as regras que ordenam esse mercado, que são desvendadas ao longo da tese, são similares no Brasil e nos demais lugares onde a prática da capoeira se encontra instalada. A escolha de analisar cada mestre e grupo em separado, em vez de estabelecer temáticas a serem debatidas em conjunto, se inscreve nessa perspectiva de privilegiar os atores e encontrar meios para que os subalternos possam falar. Dito de outro modo, é a partir de trajetórias de vida tão diversas, que às vezes se cruzam e são tornadas explícitas ao longo do trabalho, que se tornam claras as relações de poder, as disputas pelo mercado e as representações desses homens e mulheres que dão vida e movimento à prática da capoeira fora do Brasil.

Considerações finais

Como considerações finais sobre os desafios da redação da pesquisa de campo sobre migrações e transnacionalidade no caso dos grupos de capoeira, afirmo que o próprio autor deve ter consciência de sua própria responsabilidade. Ele deve buscar compreender seu próprio posicionamento dentro da história que ele retraça, escrevendo sobre seu objeto de pesquisa, no meu caso a prática da capoeira fora do Brasil, e, ao mesmo tempo, sendo o próprio autor o veículo dessa realocização. Entende-se desse modo que o esforço da redação é atravessado pela construção do próprio objeto, em um constante processo de invenção.

Referências

- ACETI, Monica. *Devenir et rester capoeiriste en Europe: transmissions interculturelles et mondialité de la capoeira Afro-Brésilienne*. 2011. 785 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Université de Franche Comté, Besançon, 2011.
- AGIER, Michel. Distúrbios identitários em tempos de globalização. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 7-33, out. 2001.
- AMSELLE, Jean Loup. *Vers un multiculturalisme français*. France: Flammarion, 2001.
- ASSUNÇÃO, Matthias Röhrig. *Capoeira: The history of an Afro-Brazilian martial art*. London: Routledge, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. L'illusion biographique. *Actes de la recherche en sciences sociales*, Paris, v. 62/63, p. 69-72, jun. 1986.
- _____. *Langage et pouvoir symbolique*. 2. ed. Paris: Seuil, 2001.
- _____. *Questions de Sociologie*. 2. ed. Paris: Éditions de Minuit, 2002.

- BURKE, Peter. History as Social Memory. In: _____. *Memory: history, culture and the mind*. Oxford: Blackwell, 1989. p. 97-113.
- CAILLET, Laurence. Méprises et dérives, ethnographie d'une autobiographie recueillie. *L'Homme*, n. 195/196, Paris, p. 163-192, jui./déc. 2010.
- CAPONE, Stefania. Religions «en migration»: De l'étude des migrations internationales à l'approche transnationale ». *Autrepart*, Paris, v. 4, n. 56, p. 235-259, 2010.
- CLIFFORD, James. On ethnographic authority. *Representations*, n. 2, p.118-146, 1983.
- DELAMONT, Sara. The smell of sweat and rum: Authority and authenticity in Capoeira classes. *Ethnography and Education*, London, v. 1, p. 161-176, Aug. 2006.
- DELAMONT, Sara; CAMPOS, Claudio; STEPHENS, Neil. I'm your teacher! I'm Brazilian! *Sport, Education and Society*, London, v. 15, n. 1, p. 103-120, Jan. 2010.
- DELAMONT, Sara; STEPHENS, Neil. Excruciating elegance: Representing the embodied habitus of Capoeira. *ESRC National Centre for Research Methods NCRM - Working Paper Series*, Southampton, p. 1-37, Dec. 2007.
- _____. Up on the roof: the embodied habitus of diasporic capoeira. *Cultural Sociology*, London, v. 2, n. 1, p. 57-74, Mar. 2008.
- FASSIN, Didier; FASSIN, Eric (Org.). *De la question sociale à la question raciale?* Paris: La découverte, 2006.
- FERREIRA, Daniel Granada da Silva. *Brasileiros nos Estados Unidos: capoeira e identidades transnacionais*. 2004. 106 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.
- _____. *La capoeira du Brésil à Paris*. DEA: Paris III Sorbonne Nouvelle; Institut des Hautes Études de l'Amérique Latine, 2005.
- _____. Adaptação em movimento: o processo de “transnacionalização” da capoeira na França. *Revista Antropolítica*, Niterói, n. 24, p. 63-86, 2008.
- _____. *Les Mestres les groupes et les lieux dynamiques: identité et relocalisation de la capoeira à Paris et à Londres*. 2013. 365 f. Tese (Doutorado em etnologia e história) – Université de Paris Ouest Nanterre La Défense/University of Essex, Nanterre, 2013.
- _____. *La pratique de la capoeira à Paris et à Londres*. Paris: L'Harmattan, 2015.
- GRANADA, Daniel. Echanges globaux, agents locaux. L'apport de la capoeira aux études sur la mondialisation. *Campes*, Curitiba, v. 16, p. 99-117, out. 2015.
- _____. La fabrication de la capoeira de Londres: Mestre Sylvia et le LSC. *Revista Iluminuras*, Porto Alegre, v. 18, n. 43, p. 65-101, jan./jul. 2017.
- GLICK-SCHILLER, Nina. A global perspective on transnational migration: Theorising migration without methodological nationalism. In: FAIST, Thomas; BAUBÖCK, Rainer (Ed.). *Diaspora and transnationalism*. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2010. p.109-130.
- GLICK-SCHILLER, Nina; BASCH, Linda; SZANTON BLANC, Cristina. From Immigrant to Transmigrant: Theorizing Transnational Migration. *Anthropological Quarterly*, Washington D. C., v. 68, n. 1, p. 48-63, Jan. 1995.
- GLICK-SCHILLER, Nina; LEVITT, Peggy. Conceptualizing simultaneity: a transnational social field perspective on society. *International Migration Review*, New York, v. 38, n. 3, p. 1002-1039, 2004.
- GRAVINA, Heloísa. *Por cima do mar eu vim, por cima do mar eu vou voltar*. 2010. 411 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.
- GUIZARDI, Menara Lube. *Todo lo que la boca come*. Flujos, rupturas y fricciones de la capoeira en Madrid. 2011. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidad Autónoma de Madrid, Madrid, 2011.
- _____. Para pensar las redes transnacionales: itinerarios e historias migratorias de los capoeiristas brasileños en Madrid. *Vibrant*, Brasília, v. 10, n. 2, dez., 2013.

- HALL, Stuart. The Multi-cultural question. In: HESSE, Banor (Org.). *Un/settled multiculturalism*. London: Zed Books, 2000.
- HANNERZ, Ulf. Being there... and there... and there!: Reflections on Multi-Site Ethnography. *Ethnography*, London, v. 4, p. 201-16, Jun. 2003. Disponível em: <<http://eth.sagepub.com>>. Acesso em: 17 jun. 2015.
- HINE, Christine. *Virtual Ethnography*. London: Sage, 2000.
- JOSEPH, Janelle. Going to Brazil': transnational and corporeal movements of a Canadian-Brazilian martial arts community. *Global Networks*, Indianapolis, v. 8, n. 2, p. 194-213, Feb. 2008a.
- _____. The logical paradox of the cultural commodity: selling an "authentic" Afro-Brazilian martial art in Canada. *Sociology of Sport Journal*, Birmingham, v. 25, p. 498-515, 2008b.
- MARCUS, George. Ethnography in/of the world system: The emergence of multi-sited ethnography. *Annual Review of Anthropology*, Palo Alto, v. 24, p. 95-117, 1995.
- _____. Au-delà de Malinowski et après Writing Culture: à propos du futur de l'anthropologie culturelle et du malaise de l'ethnographie. *Ethnographiques.org*, Paris; Besançon; Neuchâtel, n. 1, abr. 2002. Disponível em: <<http://www.ethnographiques.org/2002/Marcus.html>>. Acesso em: 22 jun. 2012.
- MARGOLIS, Maxine. *Little Brazil: imigrantes brasileiros em Nova York*. Campinas: Papirus, 1994.
- _____. Na virada do milênio a imigração brasileira para os Estados Unidos. In: MARTES, Ana Cristina Braga; FLEISCHER, Soraya. *Fronteiras Cruzadas*. São Paulo: Paz e Terra, 2003. p. 51-72.
- MARTES, Ana Cristina Braga. *Brasileiros nos Estados Unidos – um estudo sobre imigrantes em Massachusetts*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- _____. Raça e etnicidade – opções e constrangimentos. In: MARTES, Ana Cristina Braga; FLEISCHER, Soraya. *Fronteiras Cruzadas*. São Paulo: Paz e Terra, 2003. p. 73-98.
- MODOOD, Tariq. *Multiculturalism*. Cambridge: Polity Press, 2007.
- N'DIAYE, Pap. *La condition noire – essai sur une minorité française*. Paris: Calmann-Lévy, 2007.
- PATARRA, Neide Lopes. Migrações internacionais de e para o Brasil contemporâneo. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, v. 19, n. 3, p. 23-33, jul./set. 2005.
- PENHA, Marcelo Montes. African heritage and national representation: Two cases of Brasilidade in New York City. *Raízes e Rumos*, Rio de Janeiro, v. 7, p. 372-388, 2001.
- RIBEIRO, Gustavo Lins. O que faz o Brasil, Brazil: jogos identitários em São Francisco. In: REIS, Rossana Rocha; SALES, Teresa. (Org.). *Cenas de um Brasil migrante*. São Paulo: Boitempo, 1999. p. 45-85.
- SALES, Teresa. *Brasileiros longe de casa*. São Paulo: Cortez, 1999.
- _____. Eles vestem o avental da América. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 20 mar. 2005. Caderno Aliás, p. J4-5.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.
- THOMPSON, Paul. *The Voice of the Past*. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- TRAVASSOS, Sonia Duarte. *Capoeira, difusão e metamorfoses culturais entre Brasil e Estados Unidos*. 2000. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.
- VASSALLO, Simone Pondé. *Ethnicité, tradition et pouvoir: le jeu de la capoeira à Rio de Janeiro et à Paris*. 2001. 457 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris, 2001.
- WEBER, Max. *Économie et Société*. Paris: Plon, 1995. (v. 2).
- WESOLOWSKI, Katya. Professionalizing Capoeira: Politics of Play in Twenty-first-Century Brazil. *Latin American Perspectives*, Riverside, v. 39, n. 2, p. 82-89, Nov. 2012.

Practices in motion: the field research on the case of capoeira outside Brazil

Abstract

The objective of this article is to problematize the research about the process of expansion of capoeira outside Brazil. Based on a thesis on the practice of capoeira in France and the United Kingdom, this paper questions the specificities of the study of the practice of capoeira in its process of transnationalization. The challenges faced by the researcher in relation to the insertion in the field and difficulties related to the mastery of the language in carrying out interviews and transcriptions are highlighted. The application of the multi-sited or translocal ethnography method is debated, reflecting on the need to take into account, in addition to the different geographical locations, the insertion of the researcher into the virtual spaces of the social networks of the internet groups. It is pointed out the need to take into account the question of the national contexts where the individuals and groups studied circulate.

Keywords: Multi-sited ethnography, capoeira, identity processes, migrations.

Práticas em movimento: la investigación de campo en el caso de la capoeira fuera de Brasil

Resumen

El objetivo del presente artículo es problematizar la investigación sobre el proceso de expansión de la capoeira fuera de Brasil. Elaborado a partir de una tesis sobre la práctica de la capoeira en Francia y Reino Unido, este trabajo problematiza las especificidades del estudio de la práctica de la capoeira en su proceso de transnacionalización. Se destacan los retos enfrentados por el investigador para insertarse en el campo y las dificultades relacionadas al dominio de la lengua para la realización de entrevistas y transcripciones. La aplicación del método de etnografía multi-situada o translocal es debatida, reflexionando sobre la necesidad de considerar, además de las diferentes localidades geográficas, la inserción del investigador en los espacios virtuales de las redes sociales de los grupos en internet. Se señala la necesidad de tener en cuenta la cuestión de los contextos nacionales donde circulan los individuos y grupos estudiados.

Palabras clave: Etnografía multi-situada, capoeira, procesos identitarios, migraciones.

Data de recebimento do artigo: 04/09/2017

Data de aprovação do artigo: 18/12/2018